

# Por uma recusa epistêmica

Lucas Valiati

Resenha de Flávio Ferraz, *Tempo e ato na perversão*, São Paulo, Blucher, 2023, 146p.

144

PERCURSO 72 : junho de 2024

O termo “perversão” tem seu primeiro registro no século xv em língua francesa, com a raiz no latim. *Pervertere* originalmente significava o desvio de algo da sua função primária ou natural. Com o tempo, e a história, passou a ter uma conotação de caráter pejorativo, ou seja, algo como redirecionado ao mal ou uma *virada inoportuna*. Apenas no século xix o termo entrou nos domínios da medicina. Inicialmente vinculado à degradação orgânica, logo abrangeu a degenerescência moral. Por fim, cingiu-se ao âmbito sexual, tornando-se “perversão sexual”. Hoje pode-se dispensar o adjetivo qualificativo para a ela se referir<sup>1</sup>.

Recuperando a concepção primordial de *pervertere* e invertendo seu sentido, podemos dizer que os trabalhos de Flávio Ferraz são uma *virada oportuna* aos estudos sobre a perversão na Psicanálise. O professor e psicanalista, com sua produção vasta e plural, há muitos anos se dedica a atravessar este fantasmático fenômeno clínico que raramente recebe concepção homogênea, tampouco reconhecimento entre os psicanalistas. Neste ano, somos brindados com uma reedição de *Tempo e ato na perversão*, revista e ampliada, contemplando a adição de dois novos capítulos.

Em seu capítulo inaugural, intitulado “Do desvio sexual à perversão de transferência”, percorremos o desenlace das teorias psicanalíticas nas nuances da perversão. Teorias diversas em que Ferraz recupera as elucubrações freudianas, como também percorre o solo da psicanálise lacaniana e perpassa a disciplina de cunho kleiniano. Assim como no ofício de um cartógrafo, acompanhamos Ferraz esboçar o desaguar de ambas as correntes no que concerne à perversão. Em busca de uma análise sistemática e rigorosa da perversão, o autor propõe dois eixos para a investigação: o sintomatológico e o transferencial. Em suma, o estudo se propõe analisar se as diferentes abordagens da psicanálise acabam por figurar a perversão de forma coincidente ou não. Além disso, ele se interessa por explorar as implicações das diferentes abordagens no que se refere a identificação, conceituação e manejo da perversão.

O autor traça as origens do eixo sintomatológico na obra de Freud, encontrando seus primeiros indícios em “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”<sup>2</sup>, onde a perversão é definida como um desvio do sexual. Em estágio subsequente, a perversão experimenta um enriquecimento metapsicológico através do Complexo de Édipo e do mecanismo de recusa (*Verleugnung*), que se contrapõe à via neurótica da negação, o recalamento (*Verdrängung*). Em um terceiro estágio do enquadramento freudiano, temos o fetichismo desvendando uma perversão que se constitui a partir de uma dissociação e se torna ambivalente em relação à castração. Ainda que demarque tais períodos, Ferraz salienta que a referência clínica de veio freudiano se conserva perenemente sintomatológica em sua ênfase, em consonância com a lógica descortinada nas exigências fenomenológicas das demais estruturas clínicas clássicas, quais sejam, neurose e psicose. Portanto, embora a perversão – ou o negativo da neurose na acepção freudiana – tenha experimentado um processo de lapidação no corpo teórico freudiano ao longo dos anos, ela ainda é majoritariamente interpretada sob o prisma sintomático.

O eixo transferencial, emanando dos conceitos de transferência das vertentes kleiniana e

lacaniana, ostenta uma dupla determinação no âmbito psicanalítico. Àqueles familiarizados com os seminários de Lacan, não é novidade que no Seminário “As Psicoses” o psicanalista empreende a recuperação da *Verleugnung* freudiana, formalizando-a no arcabouço teórico que entrelaça fenômeno e estrutura através da cena da castração. Nesse contexto, Lacan privilegia um tratamento estrutural da resposta do sujeito face ao Édipo, relegando uma clínica sintomatológica a um plano subalterno; em suma, a sintomatologia se configura como um mero reflexo possível dessa encenação. Ferraz se debruça sobre os desfechos dessa concepção lacaniana, tomando como alicerce os trabalhos de Jean Clavreul<sup>3</sup> e Guy Rosolato<sup>4</sup>. Assim, a expressão da perversão, centrada na cena analítica, ostenta aquilo que se denomina desafio aos lacanianos. Perante a recusa do perverso de um “suposto saber”, a vertente lacaniana interpreta que o perverso retoma suas referências fundamentais de estrutura no esquema analítico, engendrando tal desafio.

Será que o amor, que aparenta estar em jogo, encontraria guarida em uma pretensa proteção do analista? Ou então, estaria o paciente perverso, ao submeter-se à análise, em busca apenas de uma confirmação de boa-fé? Essas são questões que emergem na clínica da perversão. A simetria composicional esconde uma armadilha perversa ao analista, que se encontra enredado numa trama dicotômica: ele se confronta com a dura escolha entre tomar uma posição moralizante ou se submeter à perversão.

Na perspectiva kleiniana, a ênfase recai sobre a modalidade de transferência instaurada. A perversão do indivíduo pode ser interpretada como mais autêntica do que suas interações sociais, e essa ênfase determina a tonalidade da transferência que caracteriza a abordagem. Ora, não é fortuito que psicanalistas de diferentes correntes reportem dificuldades na analisabilidade de pacientes que transitam pelo terreno da perversão. Em certas ocasiões, a análise pode alcançar um ponto em que o desprezo e a reverência se expressam de forma deveras exacerbada. Através dessas e outras manifestações, configura-se o que Etchegoyen<sup>5</sup> denominou de *transferência perversa*. Em um manifesto boicote ao processo analítico, o paciente parece subsumir a análise à sua atuação perversa, muitas vezes reautorizando seus atos perversos através da situação analítica. Não por acaso, os autores da escola kleiniana que Ferraz nos convida a conhecer admitem um certo enredamento do analista sob os auspícios de seu analisando, como são os casos de Otto F. Kernberg<sup>6</sup> e Betty Joseph<sup>7</sup>.

Munido de vasta experiência no estudo das perversões e ciente de seus intrincados mecanismos, que põem em xeque alguns pilares da teoria psicanalítica, Ferraz se mostra cauteloso e arguto em suas conclusões. Reconhece que os obstáculos da transferência perversa são percebidos de forma similar por diferentes vertentes e que essa convergência robustece as conclusões e consolida a teoria transferencial da perversão como um todo. No entanto, Ferraz se resguarda a possíveis conclusões precipitadas. Ao revisitar os eixos previamente esboçados, surge a interrogação: conduziriam eles a um desenlace definitivo? Haveria concordância diametral entre tais paradigmas? Em outras palavras, as diversas cartografias subjetivas, com suas distintas configurações perversas, poderiam ser suscetíveis tanto a eixos predominantemente sintomatológicos quanto transferenciais?

A despeito da categoria psicopatológica, o operador clínico prescinde na orientação lacaniana. O que se perfaz na situação analítica decorre do modo de recusa estruturado no Édipo.

1 G. Lanteri-Laura, “Perversão”. *Leitura das perversões*.

2 S. Freud, “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, in *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*.

3 J. Clavreul, “O casal perverso”, in *O desejo e a perversão*.

4 G. Rosolato, “Estudo das perversões sexuais a partir do fetichismo”, in J. Clavreul et al., *O desejo e a perversão*.

5 R.H. Etchegoyen, “Perversión de transferencia: aspectos teóricos y técnicos”, in R.J. Mogueuilansky (org.), *Escritos clínicos sobre perversiones y adicciones*.

6 O.F. Kernberg, “Perversão, perversidade e normalidade: diagnóstico e considerações terapêuticas”, *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 32, n. 1, p. 67-82.

7 B. Joseph, “Uma contribuição clínica para a análise de uma perversão”, in M. Feldman; E.B. Spillus (org.), *Equilíbrio psíquico e mudança psíquica: artigos selecionados de Betty Joseph*.

Levado ao limite, Ferraz alerta que isso poderia “desmaterializar” a perversão; longe de subscrever a um dogma de cunho psiquiátrico, a eleição de um recorte excessivamente restrito cria a condição de apagamento da sintomatologia, tornando, por exemplo, o caráter sexual da perversão uma mera casualidade.

Ao situar o analista como um objeto da vida do perverso, as interpretações de cunho kleiniano, como esboçadas por Meltzer<sup>8</sup>, propõem compreender a perversão dialogicamente na clínica, isto é, através da sua expressão sintomatológica e de sua manifestação transferencial. Apesar de abrangente, tal concepção não encontra homogêneo reconhecimento entre os kleinianos, sobretudo em relação a definição da transferência perversa e suas particularidades, daí seu empecilho.

Ferraz nos elucida tais impasses do fazer analítico através do estudo de caso de Julio. Nele, vemos desenlaçar os aspectos enfatizados pelos herdeiros de Klein e de Lacan, onde a atuação perversa se lança como desafio ao analista na medida em que é disposta como a maneira peculiar de subjetivação. Desse modo, o analista se encontra como um dos objetos da fantasia do perverso, que o despreza e o reverencia, impondo-o a uma encruzilhada. A questão ética, como é costume na análise das perversões, aflora, e a partir do caso “aprendemos que a adesão aferrada ao método psicanalítico, mais que um recurso técnico, contribuiu para a saída de uma situação imaginária e dual, na qual se convidava o analista a reiterar o papel da mãe que acena com a passagem ao largo do muro da castração e da lei do pai, desqualificando-os e prometendo o gozo auferido com a supremacia da pré-genitalidade do incesto”<sup>9</sup>.

Lemos em Drummond de Andrade: “O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes, a vida presente”<sup>10</sup>. A postura existencialista, com destaque na experiência imediata, pode ser considerada o oposto mesmo daquilo que Ferraz articula em seu segundo capítulo. Ora, dificilmente o psicanalista, com sua leitura sobre o tempo na perversão, identificaria os versos do poeta como um dito perverso; senão

o oposto, então, neurose? Em termos da “temporalidade e processualidade”, as articulações ultrapassam a simples dicotomia.

Aportado, sobretudo, no clássico estudo de Lanteri-Laura<sup>11</sup>, o autor propõe a noção de “recusa do tempo”; esta seria dada através da eleição absoluta de um momento pelo perverso; assim, ancorando-se em determinado instante, o perverso desconheceria a sequência dos estágios libidinais. A reiterada reprodução de um padrão comportamental desvenda a fixação temporal do indivíduo, cativo em um instante específico do desenvolvimento libidinal. Nesta linha, tal reprodução indica a exclusão de um aspecto do fenômeno temporal na estrutura perversa.

Deste modo, para o perverso, “a minha matéria” não deve dar indícios de uma mudança temporal. O tempo do perverso, antítese do tempo do poeta, é rígido e imutável; qualquer indício de subversão dessa organização subjetiva perversa é invariavelmente rechaçado da realidade. O paciente que Ferraz descreve é exemplar; neste, qualquer indício da falibilidade de seu corpo deve ser suprimido; é inimaginável e não contemplam sua vida quaisquer aspectos relativos ao cansaço, envelhecimento, dor e doença.

Em tempo, é tentador lembrarmos de Erika, personagem interpretada por Isabelle Huppert em *La Pianiste*<sup>12</sup> e ensaiarmos um leviano desdobramento das proposições de Ferraz. É imediato relacionar as possíveis fixações temporais de Erika, como o seu vínculo materno e seus modos de (in)satisfação subjetivos. No entanto, o objeto próprio da pianista, isto é, a música, permite entoar a questão da temporalidade e processualidade em novo arranjo. A fascinação de Erika por Schubert e Schumann, além de ser vista como uma fixação libidinal – e nos convidar a remontar a sua *Verleugnung* –, também nos leva a uma outra indagação: à luz das considerações de Ferraz, não seria oportuno refletir sobre o fazer musical e sua intrínseca relação com o tempo? Em vez de pensar a música como um objeto unívoco, o que poderíamos extrair, se adentrássemos o campo do seu efetivar-se? Afinal, o que dizer da

sua característica que remonta a *temporalidade* e a sua *processualidade* intrínseca à prática, ou seja, sua dinâmica de performance e criação? É evidente que a atuação perversa não se manifesta de forma homogênea em relação aos objetos que lhe circundam. Todavia não encontraríamos nas nuances de um dos objetos que compõe sua subjetividade – e no caso possui uma relação imbricada com o tempo – aquilo que pode dar vias a sua resignificação em vista da recusa frente ao Édipo?

Voltando ao capítulo, observamos a questão de a temporalidade, fundamental na subjetividade perversa, transcender seus limites e se manifestar em outros quadros psicopatológicos e estruturas clínicas. Ferraz, com lúcido reconhecimento dos mal-estares relacionados ao tempo, expande a noção de “recusa do tempo” para além da perversão, procurando desvelar a complexa relação entre o tempo e sofrimento humano. As batalhas travadas com o tempo se diversificam na humanidade; daí que, em alguns quadros de ansiedade e de neurose, o conflito se expresse via sintoma; no borderline, o aspecto temporal ganha destaque no comportamento, isto é, no *acting out*; por outro lado, no autismo a temporalidade é de certa forma suprimida com o comprometimento da estruturação da realidade.

Em um desfecho permeado por poesia e reflexão, Ferraz nos leva a transcender os quadros sintomatológicos e reconhecer a luta contra o tempo como algo intrínseco à angústia humana, derivada de sua própria ferida narcísica. Esta, talvez demasiada humana. Afinal, o tempo, em si, não passa, já que “nós é que passamos”; ou como melhor refuta o poeta argentino:

Negar la sucesión temporal, negar el yo, negar el universo astronómico, son desesperaciones aparentes y consuelos secretos. Nuestro destino (a diferencia del infierno de Swedenborg y del infierno de la mitología tibetana) no es espantoso por irreal; es espantoso porque es irreversible y de hierro. El tiempo es la sustancia de que estoy hecho. El tiempo es un río que me arrebatara, pero yo soy el río; es un tigre que me destroza, pero yo soy el tigre; es un fuego que me consume, pero yo soy el fuego. El mundo, desgraciadamente, es real; yo, desgraciadamente, soy Borges.<sup>13</sup>

Não é novidade que a experiência mítica e religiosa recebeu atenção por Freud ao longo de seus escritos. Com efeito, as analogias por ele propostas entre a estruturação psíquica e o comportamento religioso se tornaram axiomáticas para a psicanálise que se seguiu, fornecendo um elo crucial entre duas esferas de fundamental importância para a formação da humanidade. Embora relevantes e atuais, as análises gravitam em torno daquilo que se tornou norma na leitura e na transmissão da obra de Freud: a lente do neurótico. Não é fortuito que lições seminais do psicanalista, como *Atos obsessivos e práticas religiosas*<sup>14</sup>, percorram essa analogia exclusivamente em relação ao recalque e o comportamento neurótico.

Utilizando-se de autores como Rosolato<sup>15</sup> e Chasseguet-Smirgel<sup>16</sup>, Ferraz busca abrandar a analogia da esfera religiosa à perversão, encontrando apoio no gnosticismo. A distinção fundamental entre o gnosticismo, que apresentaria manifestações análogas à perversão, e a religião tradicional, mais próxima do comportamento neurótico, reside no *segredo*, inerente à gnose e ausente na massa. Esse segredo, por sua vez, conferiria ao gnóstico uma posição de exceção, elevando-o à condição de “Senhor”, concedendo-lhe uma posição de destaque e acesso direto à divindade. Paradigmático, portanto, como o perverso e o neurótico apresentam posturas distintas na experiência transferencial. O primeiro, detentor de um saber, confronta o analista, enquanto o segundo se espreita diante de um suposto conhecimento, evidenciando a dúvida como sua característica central.

8 D. Meltzer, *Estados sexuais da mente*.

9 F. Ferraz, *Tempo e ato na perversão*, p. 47.

10 C.D. de Andrade, “Mãos dadas”, in *Sentimento do mundo*, p. 34.

11 G. Lanteri-Laura, “Perversão”. *Leitura das perversões*.

12 M. Haneke, *La pianiste*. França, Áustria, Alemanha: MK2 Productions, Neue Welt Filmverleih, X Filme Creative Pool GmbH.

13 J.L. Borges, “Nueva refutación del tiempo”, in *Obras completas, otras inquisiciones*.

14 S. Freud, “Atos obsessivos e práticas religiosas”, in *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*.

15 G. Rosolato, *op. cit.*

16 J. Chasseguet-Smirgel, *Ética e estética da perversão*.

Na presente edição, revista e ampliada, contamos com a inclusão de dois capítulos quando comparada à versão anterior: “As montagens perversas como defesa contra a psicose e Sacher-Masoch” e “A Vênus das peles e o masoquismo”. No primeiro destes, um artigo conciso e potente, Ferraz defende a tese de que a perversão pode ser interpretada como uma manifestação de defesa de uma psicose. Partindo de Freud, mas dialogando com Bleichmar<sup>17</sup> e Masud Khan<sup>18</sup>, Ferraz propõe uma inovadora concepção de organização perversa. Ao situá-la no limite da psicose e como mecanismo de defesa contra ela, o autor convida-nos a uma revisão crítica dos conceitos clássicos da psicanálise, abrindo caminho para novas ferramentas no manejo dos casos-limite entre psicose e perversão.

Em suas considerações, após sobrevoar a literatura, o autor postula um nível de organização do ego maior nas perversões quando comparada às psicoses. Essa hipótese, se considerada como um axioma de norteamiento da prática clínica, poderia revelar a existência de uma espécie de “hierarquia de defesas que é, a um só tempo, funcional e genética”. Não podemos nos isentar de observar que o potencial da tese defendida é notável. Afinal, sua aplicação bem-sucedida na prática clínica poderia contribuir consideravelmente para o diagnóstico de casos-limite, tão frequentes no *setting* clínico, transformando-se em um valioso dispositivo teórico-operacional.

Em *Sacher-Masoch*, publicação que abre *A Vênus das peles*<sup>19</sup>, Ferraz, à luz das inovações que a psicanálise – seja com Freud, ou com seus herdeiros –, convida o leitor a uma leitura da perversão na literatura como manifestação de uma normalidade. Rompendo com os estigmas psicopatológicos há muito incessantemente replicados em nossa cultura, Ferraz chama atenção do leitor como obras eróticas assinadas por Sacher-Masoch e até mesmo Sade transitam em um território insatisfatoriamente compreendido pela ciência: o domínio da fantasia e da linguagem, essência daquilo que nos define como seres humanos.

A originalidade e a urgência da obra de Ferraz residem na incompletude, por vezes inconfessa, do fazer clínico psicanalítico e na sua impotência, quando dogmático, diante da multiplicidade dos mal-estares contemporâneos. Saliêntamos como, nesses mal-estares, as expressões da perversão encontram mais moradas do que estamos dispostos a reconhecer. Um dos méritos de Ferraz reside na sua maestria em conciliar os pilares da prática psicanalítica com a teoria, tecendo um diálogo enriquecedor entre clínica e teoria. Essa harmonia se revela ainda mais louvável quando se trata de temas desafiadores como a perversão e suas nuances. Soma-se a essa postura inovadora uma psicanálise interescolar que, destemida diante de temas polêmicos e barreiras institucionais, demonstra um compromisso com a autocrítica e a transgressão. Composto por uma seleção de trabalhos de Ferraz, este livro oferece ao público uma visão crítica sobre a prática psicanalítica, lastreada na prudência, no rigor teórico e em preciosas observações e manejos clínicos. A obra serve tanto como um cartão de visitas para as demais obras do autor, quanto como um aprofundamento de seus estudos.

Para finalizar, lembramos que Lebrun<sup>20</sup> sustenta que a perversão é um elemento central na suportabilidade do mundo; mesmo diante de catástrofes ecológicas, pobreza e disparidade social, agimos como se nada houvesse. A psicanálise, desautorizando sua própria castração, age como se a perversão não existisse. Quicá muitos já mobilizaram e enfatizaram este ponto, mas talvez seja necessário repeti-lo até que se depure o vício. É paradigmático, senão trágico, como transitando onde se transmite o saber e fazer psicanalítico escutamos tão raramente o termo “perversão”. Não obstante, a persistente investigação de Ferraz tensiona este véu da trama perversa da psicanálise; trama esta que sustenta e mantém uma recusa sob a égide de uma fantasia onde não há endereçamento à perversão. Ao fim e ao cabo, Flávio Ferraz intenta na Psicanálise o manejo que obteve com Julio: a recusa em se submeter ao papel de mero objeto na fantasia perversa.

## Referências bibliográficas

- Andrade C.D. (2012). Mãos dadas. In *Sentimento do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Bleichmar H. (1984). *Introdução ao estudo das perversões*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Borges, J.L. (1974). Nueva refutación del tiempo. In *Obras completas, otras inquisiciones*. Buenos Aires: Emecé Editores.
- Chasseguet-Smirgel J. (1991). *Ética e estética da perversão*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Clavreul, J. (1990). O casal perverso. In *O desejo e a perversão*. Campinas: Papirus.
- Etchegoyen, R.H. (2002). Perversión de transferencia. Aspectos teóricos y técnicos. In Moguillansky R.J. (org.), *Escritos clínicos sobre perversiones y adicciones*. Lumen.
- Freud S. (1905/1980). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, v. 7.
- \_\_\_\_\_. (1907/1980). Atos obsessivos e práticas religiosas. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, v. 19.
- \_\_\_\_\_. (1924/1980). O problema econômico do masoquismo. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, v. 19.
- \_\_\_\_\_. (1927/1980). Fetichismo. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, v. 21.
- Haneke M. (2001). *La pianiste*. França, Áustria, Alemanha: MK2 Productions, Neue Welt Filmverleih, X Filme Creative Pool GmbH.
- Joseph B. (1992). Uma contribuição clínica para a análise de uma perversão. In Feldman M.; Spillus E.B. (org.), *Equilíbrio psíquico e mudança psíquica: artigos selecionados de Betty Joseph*. Rio de Janeiro: Imago.
- Kernberg O.F. (1998). Perversão, perversidade e normalidade: Diagnóstico e considerações terapêuticas. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 32, n. 1, p. 67-82.
- Khan M.M.R. (1987). *Alienación en las perversiones*. Buenos Aires: Nueva Visión.
- Lacan J. (1985). *As psicoses* (O Seminário, livro 3). Rio de Janeiro: Zahar.
- Lanteri-Laura G. (1994). *Leitura das perversões*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lebrun J.-P. (1997). *La perversion ordinaire*. Paris: PUF.
- Meltzer D. (1979). *Estados sexuais da mente*. Rio de Janeiro: Imago.
- Rosolato G. (1990). Estudo das perversões sexuais a partir do fetichismo. In Clavreul J. et al. *O desejo e a perversão*. Campinas: Papirus.
- Sacher-Masoch, L. (1870/2008). *A Vênus das peles*. São Paulo: Hedra.

17 H. Bleichmar, *Introdução ao estudo das perversões*.

18 M.M.R. Khan, *Alienación en las perversiones*.

19 L. Sacher-Masoch, *A Vênus das peles*.

20 J.-P. Lebrun, *La perversion ordinaire*.